



Os Diretores do Museu Nacional / UFRJ

Organizado pela Seção de Museologia

Rio de Janeiro
2007/2008

Os diretores do Museu Nacional/ UFRJ

Diretor

Sérgio Alex Kugland de Azevedo

Vice-Diretor

Miguel Angel Monné Barrios

Diretor Adjunto de Administração

Wagner William Martins

Coordenadora Geral

Thereza de Barcellos Baumann Zavataro

Coordenadores da pesquisa / pesquisadores principais

Bruno dos Santos Silva (Estagiário – História / UFF)

Cíntia Raymundo da Silva (Estagiária – História / UFRJ)

Pesquisadores auxiliares

Bruno Pires de Lima (Estagiário – História / UFRJ)

Sílvia Kozlowski Ferreira (Estagiária – Colégio Pedro II)

Thaís Mayumi Pinheiro (Estagiária – Museologia / UNIRIO)

Tatiana Manhães Louzada (Estagiária – Educação Artística / UFRJ)

Colaboradores

Ana Terra Higino Ayres Fernandes (Estagiária – Colégio Pedro II)

Carolina Braun de Mello (Estagiária – Colégio Pedro II)

Luiza de Souza Maués (Estagiária – Museologia / UNIRIO)

Marcelle Cristine de A. Freire (Estagiária – Colégio Pedro II)

Marcelo Menezes Lo Bianco (Estagiário – História / UGF)

Mariana da Silva Furtado (Estagiária – História /UERJ)

Michele Corrêa da Silva (Estagiária – Artes Cênicas / UFRJ)

Patrícia Alves Peixoto (Estagiária – Colégio Pedro II)

Equipe da Seção de Museologia

Carlos Alberto Moreira

Edina Maria Pereira Martins

Luiz Gustavo Fernandes de Souza

Marilene de Oliveira Alves

Sabrina Damasceno Silva

Agradecimentos

Arnaldo dos Santos Campos Coelho (Departamento de Invertebrados)

Eliane Ezagui Frenkel (Assessoria de Eventos)

Fátima Regina Bispo Picança (Secretaria da Direção)

Fernanda Guedes (Assessoria de Comunicação)

Janira Martins Costa (Departamento de Entomologia)

Lygia Santiago Fernandes (Departamento de Botânica)

Luiz Fernando Dias Duarte (Departamento de Antropologia)

Luiz Antônio Alves Costa (Departamento de Entomologia)

Márcia Souto Couri (Departamento de Entomologia)

Maria José Veloso da Costa Santos (Seção de Memória e Arquivo)

Rhoneds Aldora R. Perez da Paz (Seção de Museologia)

Rosa Maria Gonçalves (Seção de Pessoal)

Sílvia Ninita de Moura Estevão (Seção de Memória e Arquivo)

Sonia Maria Lopes (Departamento de Entomologia)

Índice

Apresentação	5
Frei José da Costa Azevedo	6
João de Deus e Mattos	8
João da Silva Caldeira	9
Frei Custódio Alves Serrão	10
Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui	11
Francisco Freire Allemão de Cysneiros	13
Ladislau de Souza Mello e Netto	15
Amaro Ferreira das Neves Armond	17
Domingos José Freire Junior	18
João Batista de Lacerda	20
Bruno Álvares da Silva Lobo	22
Arthur Neiva	24
Edgard Roquette Pinto	26
Alberto Betim Paes Leme	29
Heloísa Alberto Torres	31
José Cândido de Mello Carvalho	34
Newton Dias dos Santos	36
Luiz de Castro Faria	38
José Lacerda de Araújo Feio	40
Dalcy de Oliveira Albuquerque	42
Luis Emygdio de Mello Filho	44
José Henrique Millan	46
Leda Dau	47
Arnaldo dos Santos Campos Coelho	49
Janira Martins Costa	51
Luiz Fernando Dias Duarte	53
Sérgio Alex Kugland de Azevedo	55
Bibliografia	57

Apresentação

Em 2008 o Museu Nacional / UFRJ completa 190 anos de atividades. Neste mesmo momento evidencia-se um outro marco histórico para a instituição: a milésima reunião da Egrégia Congregação, instância máxima na deliberação das ações desta instituição.

Marcando essas comemorações foi realizado este relatório que pretende, através da pesquisa em documentos, arquivos, teses, artigos, entrevistas e consulta a páginas eletrônicas, descrever as principais realizações de todos os diretores do Museu Nacional/UFRJ e ressaltar a importância dessas personalidades no progresso da ciência, pesquisa e ensino na instituição e no país.

Frei José da Costa Azevedo

Gestão na direção do Museu: 1818-1822



O Museu Real, criado em junho de 1818, teve como primeiro diretor o franciscano frei José da Costa Azevedo, que nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1763. Ele estudou nesta mesma cidade e completou os cursos de Teologia e Ciências naturais na Universidade de Coimbra, Portugal, especializando-se posteriormente em Mineralogia. Ingressou na Ordem Franciscana e foi lente em seu convento. Também foi o responsável na Academia Militar pelo gabinete Mineralógico e Físico.

Tempos depois, D. João VI, através de um decreto de 6 de junho de 1818, criou a função de diretor do Museu, sendo exercida pelo frei.

O prédio do Museu Real no campo de Sant'Anna recebeu os materiais de História Natural, armários, instrumentos e coleções mineralógicas, inclusive os remanescentes do acervo da Casa de História Natural, apelidada pelo povo de “Casa dos Pássaros”.

Em 1819, a coleção de minerais pertencentes à Coleção Werner foi transferida para a maior sala do prédio do Museu. Esta coleção fora adquirida pela Coroa Portuguesa no final do século XVIII para compor os chamados “Gabinetes Minerais”. Ela era composta por 3.326 exemplares de minerais, adquiridos e catalogados por Abraham Gottlob Werner (1749 – 1817), que se tornou reconhecido por ter elaborado um sistema mineralógico racional baseado nas características físicas e químicas dos minerais. A coleção Werner, incorporada à Casa de História Natural em 1810, foi a primeira moderna de Mineralogia a ser classificada.

Ao redor daquela coleção estavam artefatos indígenas e produtos naturais espalhados por diversos estabelecimentos. D. João VI ofereceu diversas peças: dois armários octoedros contendo oitenta modelos de oficinas de profissões mais usadas no fim do século XIX, confeccionados na época de D. Maria I para serem utilizados na instrução do príncipe D. José, seu filho; um vaso de prata dourado, coroado por um belo coral, representando a Batalha de Constantino; duas chaves; um pé de mármore com alparcata grega; uma arma de fogo marchetada de marfim pertencente à Idade Média e uma coleção de quadros a óleo.

Em 11 de maio de 1819 foram abertas ao público duas de suas salas inferiores com modelos de máquinas industriais, por ordem do rei, a pedido do proprietário, Ignácio Álvares Pinto de Almeida, criador da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Devido ao público ter passado a freqüentar duas salas inferiores do Museu, aumentou a curiosidade sobre as salas superiores, o que gerou a expedição da portaria de 16 de maio de 1819, que tornou o Museu aberto ao público uma vez por semana.

Em janeiro de 1822, O Museu Nacional passou a abrigar a Academia de Bellas-Artes, e seu acervo veio ocupar parte da grande sala da coleção mineralógica.

Frei José Batista da Costa faleceu em 7 de novembro de 1822.

João de Deus e Mattos

Gestão na direção do Museu: 1822-1823

João de Deus foi um dos raros discípulos de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, o “Xavier dos Pássaros”, na Casa de História Natural, também apelidada de “Casa dos Pássaros”. Com seu mestre recebera desde cedo lições de taxidermia.

Durante a gestão de Frei José da Costa Azevedo, João de Deus acumulou as funções de preparador, porteiro e guarda. Durante o exercício de sua função de porteiro realizou incursões por diversas localidades da cidade para buscar por peças de origem natural. Assim, dava início ao seu trabalho de viajante para a realização de pesquisas.

Constitui o único verdadeiro elo entre o Museu Nacional e a casa de História Natural ou dos Pássaros.

Durante sua gestão o Museu recebeu a coleção de tucanos oferecida por José Bonifácio de Andrade e Silva em nome do imperador. Realizou também a edificação da última das salas do antigo prédio da “Casa dos Pássaros” na rua da Constituição.

Dedicou sua vida ao Museu, aposentando-se somente em 1952, após 34 anos de serviço.

João da Silva Caldeira

Gestão na direção do Museu: 1823-1827



João da Silva Caldeira era doutor em Medicina pela Universidade de Edimburgo, Escócia, tendo se destacado de fato na área de Química. Anteriormente, aos 19 anos, estagiou em Paris com renomados cientistas como os químicos Louis Nicolas Vauquelin (1763-1829) e André Laugier (1770-1832) e o mineralogista René Just Haüy (1743-1822).

Assumiu a direção do Museu Imperial e Nacional em 1823, e no ano seguinte foi instalado o Laboratório Químico do Museu, o primeiro laboratório químico para análises a ser fundado no país. Caldeira também foi o primeiro diretor desse laboratório.

Após ser devidamente aparelhado, foram realizadas em tal ambiente as primeiras análises de combustíveis nacionais e de amostras de pau-brasil.

Foi durante sua gestão que o Museu passou a ser um estabelecimento consultivo. Nesta época, o governo imperial incentivou a vinda de vários naturalistas estrangeiros como Natterer, von Sellow e Langsdorff, que ofereceu ao Museu a sua própria coleção de mamíferos e aves da Europa.

Durante sua direção houve a vinda de grande parte do acervo egípcio à instituição, incluindo cinco múmias, *shabtis* (estatuetas funerárias geralmente de faiança), vasos canopos, estelas e cabeças, mãos e pés mumificados.

Vários objetos etnográficos oriundos do Pará e das ilhas do Pacífico também passaram a integrar a exposição do Museu.

Caldeira foi o primeiro a propor a subdivisão da instituição em seções especializadas e a criação de cursos públicos. Posteriormente o governo decidiu transferi-lo para a Casa da Moeda.

João da Silveira Caldeira cometeu suicídio logo após sua transferência.

Frei Custódio Alves Serrão

Gestão na direção do Museu: 1828-1847



Custódio Alves Serrão nasceu em 1799 na então vila de Alcântara, localizada no Maranhão. Era filho de Custódio Alves Serrão e de dona Joanna Francisca da Costa Leite. Aos doze anos foi entregue como pupilo aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo.

Em 1917, frei Alves Serrão foi a Portugal, onde ingressou na Faculdade de Coimbra. Dedicou-se aos estudos de Ciências Naturais e formou-se professor de Física e Química.

Ao retornar ao Brasil, exerceu a função de lente de Zoologia e Botânica da Imperial Academia Militar.

Em 1828 foi nomeado diretor do Museu e em 1833 assumiu a cadeira de Mineralogia criada com a reforma da referida Academia para Escola Militar.

Na direção de frei Custódio no próprio Museu foi elaborado através do decreto 123 de 3 de janeiro de 1842 o primeiro Regimento do Museu.

Entre 1842 e 1847 exerceu o cargo de primeiro diretor da Terceira Seção (a de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas) e interinamente a de Numismática e Arqueologia.

Em 1849 assumiu a direção do Jardim Botânico da cidade, função que exerceu até 1961.

Também foi membro do Imperial Instituto Histórico e Geográfico e presidente honorário da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

Faleceu em 10 de março de 1873 na Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui

Gestão na direção do Museu Nacional: 1847-1866



Frederico Burlamaqui nasceu em 16 de dezembro de 1803, em Oeiras, no Piauí, filho do coronel Carlos Burlamaqui com sua primeira esposa, Dorotea da Silveira Pedagoche.

Foi militar, botânico, mineralogista, matemático e escritor. Chegou ao posto de brigadeiro. Pertenceu à Academia Nacional de Belas Artes, ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e ainda a outras sociedades literárias e científicas do Brasil e do exterior. Escreveu sobre a História dos Estados Unidos da América, o comércio de escravos e os males da escravidão doméstica, minerais brasileiros e sobre produtos agrícolas cultivados no Brasil, como tabaco, café e algodão, entre outros assuntos.

Foi preparador e porteiro do Museu e colaborador do pesquisador norte-americano Orville Adelbert Derby na então denominada Terceira Seção – Ciências Físicas, Mineralogia, Geologia e Paleontologia.

Era um abolicionista e defendia a polêmica idéia de se retornarem os negros, já libertos, para a África.

Em 1847, quando exercia a função de lente de Mineralogia e Geologia da Escola Militar, no Rio de Janeiro, foi nomeado como quinto diretor do Museu. Durante sua gestão, o prédio da instituição, ainda localizado no Campo de Santanna, sofreu uma importante ampliação em 1856, e uma nova parte do prédio foi construída. Pouco tempo depois, em 1858, novas alas passaram a ser franqueadas ao público, que passou a conhecer uma nova coleção, a de animais marinhos, constituída por cerca de 2 000 peças oferecidas pelo antigo diretor João de Deus e Mattos.

Durante sua gestão a frente do Museu forma descobertas jazidas de combustível e de minas de cobre na Bahia por profissionais da instituição.

Trabalhou como diretor até 1866, e faleceu 19 anos depois, em 14 de janeiro de 1886, no Rio de Janeiro.

Francisco Freire Allemão de Cysneiros

Gestão na direção do Museu: 1866-1870



Francisco Freire Allemão nasceu em 24 de janeiro de 1797, na antiga Fazenda do Mendanha, atual Campo Grande. Era filho de lavradores e ingressou no Seminário Episcopal São José, na cidade do Rio de Janeiro em 1817.

Em 1822 ingressou na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, onde se diplomou como cirurgião em 1827. Frequentou a Université de Paris, a convite do governo francês. Foi aluno do químico Jean-Baptiste Dumas (1800 – 1884) e do naturalista Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert, o Barão Cuvier (1769 – 1832). Em 1831 defendeu a tese de doutorado intitulada *Dissertation sur le goitre* (“Dissertação sobre o bócio”) na Faculté de Médecine de Paris.

De 1833 a 1853 foi lente de Botânica e Zoologia Médicas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1840 foi nomeado médico da Imperial Câmara. Integrou a comitiva imperial de 1843 encarregada de acompanhar a vinda, de Nápoles (Itália) para o Rio de Janeiro, da noiva do imperador Pedro II, a então princesa D. Teresa Cristina, irmã de D. Fernando. Posteriormente foi professor de Botânica das princesas Isabel e Leopoldina.

Foi presidente e chefe da seção botânica científica de exploração denominada *Comissão das Borboletas* (1859-1861). Tal comissão deixou o Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1859 e percorreu os estados do Ceará, Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. No Ceará foram colhidas 20 000 amostras de plantas, e muitas destas, assim como instrumentos e outros materiais, foram incorporadas ao acervo do então Museu Imperial e Nacional.

Francisco Freire Allemão participou de diversas associações profissionais e sociedades médicas, tendo feito parte do primeiro quadro da Sociedade de Medicina do

Rio de Janeiro, posteriormente denominada Academia Imperial de medicina. Foi sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e da Sociedade Philomatica, membro honorário do Imperial Instituto Médico Fluminense, fundador e presidente da Sociedade Velosiana de Ciências Naturais. Esta sociedade era organizada por comissões permanentes de Mineralogia, Zoologia, língua indígena e Botânica.

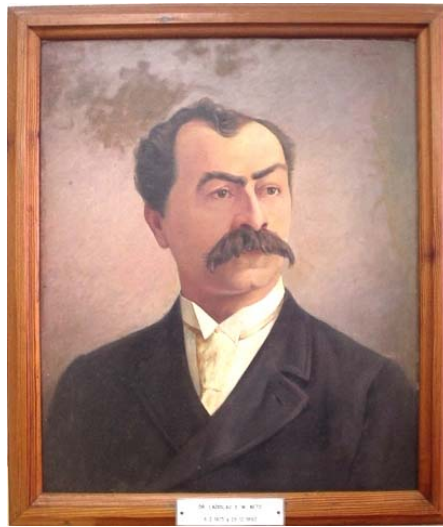
Em 1866 presidiu a comissão da qual participaram Ladislau de Souza Mello Netto e Custódio Alves Serrão, destinada ao estudo e classificação de vegetais para o pavilhão brasileiro na Exposição Universal, a realizar-se em Paris no ano seguinte.

Em 10 de fevereiro de 1866 foi nomeado diretor do Museu Imperial e Nacional, cargo que ocupou até o ano de 1870.

Freire Allemão descreveu muitas plantas, sendo que muitas delas conservam os nomes dados por ele, que também criou numerosos gêneros de classificação taxonômica. Dentre essas atividades, cunhou o nome científico de 45 tipos da flora brasileira, como *Ophthalmoblaston macophyllum* (Santa Luzia), *Hymenorea mirabilis* (jatobá) *Tecoma curialis* (ipê-roxo) e *Tecoma leucantha* (ipê-branco), entre outros.

Ladislau de Souza Mello e Netto

Gestão na direção do Museu: 1874-1893



Ladislau de Souza Mello e Netto, natural de Maceió, Alagoas, nasceu em 1838. Era filho de Francisco Netto, um comerciante português, dono de um armazém de “secos e molhados”.

Ladislau Netto foi um exemplo de eficiência administrativa do Museu, estruturando a instituição baseando-se nos moldes europeus. Dedicou-se à administração sem negligenciar o setor científico.

Durante sua gestão ocorreu a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, e o Museu, além de trocar de nome – de Imperial para Nacional – mudou de local, transferindo-se dos arredores do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão – fato oficializado em 25 de julho de 1892 – assim como migrou de pasta ministerial: em 1890 passou do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas para o da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, e em 1892 deste para o da Justiça e Negócios Interiores.

Sua direção destacou-se pela criação da revista trimestral *Os Archivos do Museu Nacional*, importantíssima para a comunicação e troca com museus estrangeiros, e por grandes obras de infra-estrutura em todo o prédio, melhorando-se as acomodações para o acervo e tornando-o mais adequado para a concepção científica de museu da época. Também foram implementados cursos, que logo foram substituídos por conferências, realizadas de acordo com a disponibilidade do Museu, que participou de exposições internacionais, conferindo-lhe visibilidade.

Em sua gestão aconteceu o traslado do meteorito Bendegó para o Museu em 15 de junho de 1888 e o roubo de antiguidades incas em 30 de setembro de 1890. Eram várias peças de ouro trazidas do Peru. O autor do crime foi o francês Leon Lagié, que logo depois foi descoberto e as peças devolvidas.

Em relação às pesquisas científicas, o Museu tinha há anos como norteadora a exploração do interior com cientistas estrangeiros, embora existissem expedições compostas só por brasileiros e uma das quais o próprio Ladislau, antes de ser diretor, havia participado, na região do rio São Francisco. Outro ponto a ser indicado é a fundação do laboratório de Fisiologia Experimental, anexo ao Museu, e sob a chefia do cientista Louis Couty.

Os últimos anos de sua gestão coincidiram com o período de apogeu das exposições internacionais. Além das melhorias da estrutura física, tivemos a ampliação significativa das pesquisas científicas e o aumento dos salários dos funcionários. Desse momento altamente benéfico ao Museu participaram alguns de seus sucessores, como Batista Lacerda.

Um fato curioso sobre esse ex-diretor reside em ser um dos pesquisadores do mito dos fenícios no Brasil, ou seja, de que esse povo, do atual Líbano, tenha viajado na Antiguidade atravessando o Atlântico até chegar à costa brasileira.

Sofreu um problema de saúde no cérebro em 26 de junho de 1901, sendo substituído interinamente pelo doutor Amaro Neves Armond. Em 6 de setembro repassou a direção a Armond por ter sido nomeado vice-presidente da Comissão Brasileira da Exposição de Chicago (outubro de 1882 a outubro de 1883). Ao retornar desta comissão, teve a aposentadoria concedida por decreto de 28 de dezembro de 1893.

Amaro Ferreira das Neves Armond

Gestão na direção do Museu: 1892-1893

Natural de Vitória, era filho do professor e jornalista Manoel Ferreira das Neves e de dona Rosa das Neves.

Formado pela Faculdade Nacional de Medicina, recebeu o título de Doutor aos 20 anos de idade após defender sua tese, *A educação física, moral e intelectual da mocidade no Rio de Janeiro e sua influência sobre a saúde*.

Em 1878, prestou assistência a vítimas de febre amarela em Paranaguá, no Paraná. Em 1883 foi enviado pelo governo a Saquarema para mais uma vez debelar contra tal doença, e nesta ocasião foi nomeado médico adjunto do Hospital da Gamboa.

Em 1885 foi nomeado diretor e professor da Seção de Botânica do Museu Nacional. Foi por diversas vezes diretor interino da instituição, onde organizou uma exposição de plantas medicinais do Brasil, anexa à Exposição Internacional de Higiene, realizada por ocasião do Congresso Médico Latino-Americano, em 1908.

Catalogou várias espécies de vegetais originárias do interior do Brasil e colaborou com a *Flora Brasiliense* de Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), um importante botânico alemão.

Amaro Armond faleceu no dia 7 de março de 1944, aos 91 anos, na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro.

Em sua homenagem, o Museu Botânico de Berlim denominou ***Neves-armondia cordifolia*** K. Schum a uma espécie vegetal.

Domingos José Freire Junior

Gestão na direção do Museu: 1893-1895



Domingos José Freire Junior nasceu em 5 de novembro de 1842, no bairro de São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Tornou-se bacharel pelo colégio Pedro II em 1859 e doutorou-se em Medicina em 1866 e tornou-se professor de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Destacou-se nas pesquisas sobre febre amarela e desenvolveu uma vacina para a prevenção da doença. Em 1880 publicou o livro *Recueils des travaux chimiques suivis de recherches sur la cause, la nature et le traitement de fièvre jaune* (“Compilações de trabalhos químicos seguidos de pesquisas sobre a causa, a natureza e o tratamento da febre amarela”).

No final de 1883, através do Aviso nº. 4.546, o Ministério e Secretaria de Estado de Negócios do Império concedeu-lhe autorização para inocular sua vacina na população do Rio de Janeiro. Foram mais de 2.000 pessoas vacinadas com êxito.

Em fevereiro de 1892, o Ministério do Interior, pelo decreto nº. 1.171 criou o Instituto Bacteriológico Domingos Freire, anteriormente denominado Laboratório de Bacteriologia.

Freire Junior assumiu a direção do Museu Nacional em 1893, quando a instituição já se encontrava no Paço de São Cristóvão. Exerceu este cargo até 1895.

Obteve grande reconhecimento nacional e internacional devido a seu trabalho como bacteriologista, principalmente por ter reivindicado a descoberta da febre amarela e ter desenvolvido a vacina que inoculava a doença.

Domingos José Freire foi cirurgião-mór da brigada por serviços no Paraguai, Membro titular da Academia Imperial de Medicina, Oficial da Ordem da Rosa,

representante do Brasil ao Congresso de Bruxelas em 1871 e professor interino da Escola Politécnica.

O pesquisador dirigiu o referido Instituto Bacteriológico até seu falecimento em 21 de agosto de 1899 em sua casa, cuja rua já se chamava Domingos Freire, em Inhaúma, Zona Norte do Rio de Janeiro.

João Batista de Lacerda

Gestão na direção do Museu: 1895-1915



João Batista de Lacerda nasceu em 12 de julho de 1846 na cidade de Campos dos Goytacazes, Norte do Estado do Rio de Janeiro. Assim como outros ex-diretores, formou-se em Medicina.

Foi nomeado funcionário do Museu em 1876 e promovido a diretor em 1895, cargo que ocupou até sua morte, vinte anos depois. Lecionou o primeiro curso público de Antropologia da instituição. Destacou-se por ter se voltado para as questões brasileiras, numa época em que predominava o prestígio do Velho Mundo.

Entre seus feitos, podemos destacar que, no campo da Botânica, aplicou o método experimental ao estudo do curare (relaxante muscular de origem vegetal atualmente utilizado como anestesia) e das toxinas das plantas brasileiras e estudou fósseis humanos provenientes das descobertas que fez nos sambaquis (depósitos arqueológicos de materiais orgânicos) das ostreiras de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, e sobre as quais considerava pesquisas importantes para o conhecimento das populações pré-colombinas mais antigas do Brasil.

Foi membro de diversas associações científicas nacionais e estrangeiras e vice-presidente honorário do Congresso Médico Pan-Americano de Washington, em 1893, além de ter ocupado o cargo de presidente honorário do Congresso Médico Latino-Americano de Buenos Aires, em 1904.

Durante sua gestão como diretor, foram inseridos os cursos públicos no regulamento do Museu Nacional, em 1911. Tais cursos públicos foram primeiramente instituídos por na década de 1870 e extintos em 1888.

Lacerda defendia que o Museu deveria instruir o público através de suas coleções e este aprendizado deveria ser baseado no conhecimento prático dos objetos diante das conferências públicas.

Em 1905 publicou a obra *Fastos do Museu Nacional*, documento que apresenta os principais funcionários que estiveram ligados à instituição.

Em sua homenagem, foi publicada uma revista de nome *Comemoração do centenário de nascimento de João Batista de Lacerda (1846-1946)*, salientando os méritos e as contribuições desse ilustre professor.

Bruno Álvares da Silva Lobo

Gestão na direção do Museu: 1915-1923



O médico Bruno Álvares da Silva Lobo nasceu em 21 de outubro de 1884 em Belém, no Pará. Doutorou-se na Faculdade Nacional de Medicina com o trabalho *Estrutura do Cilindro Eixo*.

Em 1905 foi nomeado para exercer o cargo de assistente do Laboratório Anátomo-Patológico do Hospício Nacional dos Alienados, o antigo Hospício Pedro II, primeiro hospital psiquiátrico da América do Sul, e cujo prédio é hoje ocupado pela UFRJ e conhecido como Campus da Praia Vermelha. Tornou-se diretor da instituição em 1907. No mesmo período foi nomeado médico legista da polícia do Distrito Federal.

Publicou o livro *Estrutura da Célula Nervosa* com o cientista Gaspar Viana (1885-1914) em 1908.

Foi professor das cadeiras de Anatomia e Histologia e de Microbiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1915 assumiu a direção do Museu Nacional. Excursionou para a ilha de Trindade de 25 de março a 12 de junho de 1916. Em setembro do mesmo ano foi designado pelo então Ministério de Estado dos Negócios do Interior para, na qualidade de representante do governo brasileiro, tomar parte nos trabalhos da Conferência Internacional de Microbiologia e Parasitologia, que fez parte do Primeiro Congresso Nacional de Medicina realizado em Buenos Aires. O Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, aproveitando essa oportunidade, incumbiu Lobo de visitar os museus argentinos e realizar permutas de peças.

Em 31 de março de 1917 foi designado pelo Ministério de Estado, dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio para visitar o Egito a fim de estudar *in loco* os

meios empregados no combate à praga denominada “lagarta rosa”, que assolava plantações de algodão.

Em 1918 assumiu a direção do Laboratório de Entomologia Geral e Aplicada. Designado pelo Ministério da Guerra, participou da Missão Médica Especial enviada à França.

Durante sua gestão recomeçou a publicação dos *Archivos do Museu Nacional*. Para o diretor, o Museu era “um centro científico que de algum modo reflete a nossa nacionalidade, riqueza do solo, flora e fauna”. Assim, a instituição servia para orientar práticas agrícolas e industriais no sentido de aproveitamento dos recursos naturais.

Em 25 de janeiro de 1923 foi exonerado do cargo de diretor do Museu Nacional.

Faleceu em 1945 na cidade do Rio de Janeiro.

Arthur Neiva

Gestão na direção do Museu: 1923-1926



Arthur Neiva nasceu em 22 de março de 1880 em Salvador, Bahia. Formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Após sua formatura, desenvolveu estudos com Oswaldo Cruz e Adolpho Lutz. Em 1912 chefiou uma expedição ao interior da Bahia, Sudeste de Pernambuco, Sul do Piauí e Norte e Sul de Goiás. Tal expedição objetivava estudos na área entomológica.

Foi responsável pela redação de um código sanitário semelhante ao código federal instituído por Oswaldo Cruz em 1903 e pela reorganização de um certo número de instituições científicas existentes, como o Instituto Butantan, que logo entrou numa nova fase de produtividade, começando a publicar a sua própria revista em 1918 e um novo programa de pesquisas e treinamento.

Com o advento da praga conhecida como broca de café, que prejudicou valiosas safras em São Paulo, participou de uma comissão para estudo desse inseto, o *Hypothenemus hampei*.

Foi o primeiro diretor do Instituto Biológico de São Paulo, de 1927 a 1931. Incentivou os pesquisadores a se aproximarem da sociedade e costumava afirmar que “Os pesquisadores deveriam sair da placa de *petri* e ir dialogar com a população”.

Em 1928 Neiva criou a revista *Arquivos do Instituto Biológico*. Em 1931, durante o governo Vargas, afastou do Instituto para ser interventor em Salvador, tendo retornado novamente ao Instituto no ano seguinte. Dois anos depois se elegeu deputado para a Assembléia Constituinte da Bahia, pois desde 1930 o país não possuía uma constituição relativa ao novo governo. Permaneceu no cargo de deputado até a

dissolução do Congresso por Getúlio Vargas, e assim, em 1937, retornou à sua função de pesquisador no Instituto Oswaldo Cruz.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 6 de junho de 1943.

Edgard Roquette Pinto

Gestão na direção do Museu: 1926-1935



Edgard Roquette Pinto, médico legista, professor, antropólogo, etnólogo, escritor, arqueólogo, nasceu no bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1884. Passou a infância com o avô, João Roquette Carneiro de Mendonça, em Juiz de Fora (MG). Aos dez anos retornou ao Rio de Janeiro.

Começou seus estudos no Externato Aquino onde estudou o curso de Humanidades. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em 1905, especializando-se em Medicina Legal defendendo a tese *O exercício da Medicina entre os indígenas da América*.

Ingressou no Museu Nacional em 1905 ao ser nomeado professor-assistente de Antropologia e Etnografia. Pesquisador versátil, realizou diversos trabalhos de campo. Colaborou com a missão Rondon (1912), momento em que filmou os índios nhambiquaras e que acompanhou Rondon na instalação das linhas telegráficas. Este trabalho antropológico inaugurou uma linha de pesquisa sobre os índios do Brasil no qual os pesquisadores passaram a atentar para a compreensão dos indígenas em toda a sua diversidade. Suas investigações junto à comissão Rondon resultaram no tratado antropológico, botânico e geológico intitulado *Rondônia* (1916).

Realizou estudos sobre sambaquis (depósitos arqueológicos) do litoral do Rio Grande do Sul e foi professor de História Natural na Escola Normal do Distrito Federal em 1916. Em 1920 foi convidado como professor visitante para inaugurar a cadeira de Fisiologia Experimental na Faculdade de Medicina da Universidade de Assunção, no

Paraguai. A estada do pesquisador naquele país resultou na organização da coleção de peças dos ñanduti para o Museu Nacional, que foi objeto do trabalho *On the ñanduti of Paraguay*, levado ao XXI Congresso de Americanistas.

Roquette Pinto se interessou pelo progresso tecnológico dos meios de comunicação de massa como o rádio e o cinema, e promoveu a elaboração de filmes científicos. Fundou em 1923 na Academia Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha fins exclusivamente educacionais e culturais e que em 1936 passou a pertencer ao Ministério da Educação.

Em 1924, o pesquisador foi designado para representar o Brasil no XXI Congresso Internacional de Americanistas na Suécia. Deste congresso o pesquisador traz um mapa da América do Sul, no qual renomados americanistas grafaram seus nomes nas correspondentes áreas de pesquisa. Entre eles destacam-se Max Schmidt, Franz Boas, professor de Gilberto Freyre, e Von Den Steinen. Este material é um patrimônio da Divisão de Antropologia do Museu Nacional.

Ainda em 1924, Roquette Pinto recebeu o cargo de professor - chefe da Divisão de Antropologia. Lecionou o curso de Antropologia, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Educação.

Em 1926 tornou-se diretor do Museu Nacional. Organizou em livros os vários estudos e conferências na obra intitulada *Seixos Rolados (Estudos Brasileiros)*, em 1927. No ano seguinte, publicou sua pesquisa sobre os tipos antropológicos do Brasil apresentando uma nova orientação aos estudos de Antropologia Física, intitulado *Pesquisas de Antropologia Física no Brasil- Vol. XXX*. Durante 1927/28, Roquette Pinto conseguiu remodelar uma grande parte do edifício e revitalizar a apresentação das coleções etnográficas indígenas e regionais.

A preocupação com a educação foi uma constante, e durante a sua administração foi criada a nova Seção de Assistência ao Ensino e a *Revista Nacional de Educação*, publicada de a 1932 a 1934. Estas iniciativas denotam a crença de Roquette Pinto na função educacional dos museus.

Presidiu o I Congresso Brasileiro de Eugenia (1929) e realizou as primeiras demonstrações televisivas no Brasil (1929). Fundou a Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro (1934), posterior Rádio Roquette Pinto. Em 1937 participou da criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo (1937), órgão que realizou inúmeras atividades sobre temas históricos, geográficos, científicos e culturais e do qual Roquette Pinto foi o primeiro diretor. Orientou a parte histórica do filme *O Descobrimento do Brasil* (1937).

Dirigiu e gravou o comentário sobre arte marajoara dos filmes *Argila* (1940) e *Rondônia*.

Em 1940 foi nomeado presidente do Instituto Indigenista do México e no ano de 1947 participou da fundação do Partido Socialista Brasileiro.

Faleceu em 18 de outubro de 1954 vítima de derrame em seu apartamento no Rio de Janeiro. Vários naturalistas atribuíram a algumas espécies o nome Roquette Pinto em homenagem a este grande cientista.

Alberto Betim Paes Leme

Gestão na direção do Museu: 1935-1938



Alberto Betim Paes Leme , filho de Pedro Betim Paes Leme e D.Maria Margarida Lima Betim , nasceu em 15 de novembro de 1882 na cidade do Rio de Janeiro.

Concluiu os estudos secundários no Liceu Carnot e graduou –se em engenharia civil e de minas pela Escola Superior de Minas, ambos em Paris, França.

Tornou-se posteriormente professor honorário da Universidade de Paris, além de ter exercido a atividade docente no Brasil.

As suas principais pesquisas foram no campo de análise espectral aplicada à mineralogia, tendo desenvolvido método cinemático de análise qualitativa que consiste em medir a espessura das raias específicas em espectrogramas obtidos por processos padronizados Seu primeiro trabalho publicado dissertava sobre os gnaisses (rochas metamórficas) do Rio de Janeiro.

Ao retornar ao Brasil, realizou estudos em colaboração com o cientista Orville Derby, responsável pelo Serviço Geológico e Mineralógico, instituição criada em 1907.

Destacou-se pelo pioneirismo nos estudos sobre origem das massas de rochas cristalinas formadoras da Serra do Mar, publicando tempos depois o trabalho *Tectonismo da Serra do Mar*.

Ingressou no Museu Nacional em 1911. Entre 1915 e 1918, chefiou na instituição a Terceira Seção – Mineralogia, Geologia e Paleontologia. Assumiu a direção da instituição em 1935, exercendo o cargo até 1938. Betim Paes Leme renovou

as atividades da Terceira Seção e reorganizando suas coleções .Publicou , em 1924, a obra intitulada “Evolução da Terra e Geologia do Brasil vistas através das coleções do Museu Nacional”.

Suas pesquisas nos laboratórios do Museu resultaram em duas grandes contribuições científicas: um novo processo de análise espectral quantitativa e a descoberta de germânio em dois meteoritos brasileiros.

Ao todo publicou 33 trabalhos sobre Geologia e Mineralogia, tese sobre o solo dos cafezais , o livro *História Física da terra*, que aborda a fisiografia, petrografia, geologia geral e estratigráfica e recursos minerais do Brasil e sua principal obra *História Física da Terra vista por quem a observou do Brasil* , um estudo minucioso da geologia do país.

Alberto Betim Paes Leme foi Membro da Sociedade Geológica da França a da Academia Brasileira de Ciências .

Faleceu em 6 de julho de 1938 no Rio de Janeiro.

Heloísa Alberto Torres

Gestão na direção do Museu: 1937-1955



Heloísa Alberto Torres nasceu em 17 de setembro de 1895, em Laranjeiras, Zona Sul do Rio de Janeiro. Filha caçula do importante político, jornalista e bacharel em Direito, Alberto Torres (1865-1917), Heloísa cresceu em um ambiente intenso de atividade intelectual.

Iniciou seus estudos em colégios internos na Inglaterra. Heloísa decidiu estudar Antropologia, sendo introduzida no Museu Nacional através do professor Roquette Pinto, amigo de seu falecido pai. Colaborou como estagiária em diversos estudos desenvolvidos pelo professor, tais como o estudo sobre tipos antropológicos da população brasileira, desenvolvido desde o ano de 1919 no Laboratório da Seção de Antropologia do Museu Nacional. Tornou-se responsável por duas turmas de mulheres encarregadas de fazer pesquisas antropométricas da população feminina. Traduziu para o inglês e para o francês os estudos de Roquette Pinto.

Em 1925, Heloísa Alberto Torres prestou concurso de provas para professor substituto da Seção de Antropologia e Etnografia, que tinha como professor-chefe Roquette Pinto, sendo aprovada por unanimidade. A partir de 1926, Heloísa começou suas séries de expedições a campo. Viajou ao litoral de São Paulo, visando estudar sambaquis de Iguape; examinou sítios arqueológicos em Minas Gerais e em Vespasiano, e iniciou uma série de visitas a sítios arqueológicos em Magé, precisamente ao Rio Iriri, rico em cerâmica pintada tupi-guarani. Em outra viagem a São Paulo,

realizou o trabalho de verificação de todas as grandes coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Nacional.

Em 1930, se submeteu ao concurso de incorporação ao grupo de pesquisadores do Museu Nacional e recebeu licença e apoio financeiro para realizar uma excursão de pesquisa à Ilha de Marajó, onde desenvolveu trabalhos de escavações arqueológicas. Essa pesquisa durou seis meses e seus resultados foram publicados no livro *Arte indígena na Amazônia* (TORRES, 1940).

Em 1931, Heloísa foi nomeada para o exercício do cargo de professor-chefe da Seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional, e começou, então a ministrar cursos de extensão universitária, tais como os *Estudos Nacionais de Etnografia do Brasil* (1932), *Evolução das Teorias Etnográficas* (1933), e *A mulher entre os índios no Brasil* (1934).

Em 1932, Heloísa Alberto Torres representou o Museu Nacional no Congresso Internacional de Americanistas na Universidade de La Plata. Realizou também naquele ano a revisão das coleções de 4.500 flechas e arcos e a organização das coleções do México, Peru e Bolívia.

A pesquisadora assumiu o cargo de vice-diretora na eleição de 1935, sendo diretor o Professor Alberto Betin Paes Leme. Heloísa foi reeleita em 1936 e 1937. Em 1938 foi nomeada diretora do Museu Nacional pelo então presidente da república, Getúlio Vargas.

Em 1941, o Museu Nacional teve aprovado um novo regimento que criou o Serviço de Extensão Cultural, com a proposta de organizar e divulgar estudos realizados e resultados obtidos pelas outras seções.

Em 1944 foram abertos os concursos públicos de provas e títulos para as divisões do Museu Nacional (Antropologia, Botânica, Geologia e Ecologia). Novos pesquisadores ingressaram na instituição que se tornou modernizada. A diretora realizou reformulações na parte física da instituição como reforma global das instituições, adequação de espaços para gabinetes e laboratórios, construção de anexos.

Heloísa buscou desenvolver parcerias com instituições estrangeiras, promovendo amplo intercâmbio entre pesquisadores e instituições nacionais e estrangeiras. Foram feitas parcerias com a Fundação Rockefeller e com a Buffalo Museum of Science. Dentre os pesquisadores estrangeiros com quem trabalhou destacaram-se os etnólogos Ruth Landes e Charles Wagley.

Em 1944, um incêndio atingiu parte do Museu, no espaço da Seção de Antropologia que havia sido reformada há pouco tempo.

O Museu Nacional foi anexado à Universidade do Brasil com as seguintes finalidades: coligir, classificar e conservar materiais, organizando coleções em séries e exposições pública; realizar estudos e pesquisas; divulgar conhecimentos e cooperar com as escolas e faculdades da Universidade do Brasil com fins de ensino e pesquisa.

Após a sua saída da direção do Museu Nacional em 1955, Heloísa exerceu diversos cargos em instituições relacionadas à construção da cultura nacional, como o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Participou da criação da FUNAI e substituiu Gilberto Freyre na cátedra de Antropologia Social na Universidade do Distrito Federal.

Heloísa Alberto Torres faleceu em 1977 em Itaboraí, cidade natal de seu pai. O casarão onde morava com sua irmã foi transformado na Casa de Cultura Heloísa Alberto Francisco Torres, sendo doado para a Fundação Nacional Pró-Memória, passando para a administração do IPHAN.

José Cândido de Mello Carvalho

Gestão na direção do Museu: 1955-1961



José Cândido de Mello Carvalho nasceu em 11 de junho de 1914 no distrito de Conceição d'Aparecida (antigo Barro Preto), município de Carmo do Rio Claro, área rural do sudoeste de Minas Gerais, onde passou sua infância. Era filho dos fazendeiros João cândido de Mello Carvalho e Ana da Silva Vilela, ambos de famílias de origens mineiras. Frequentou o Seminário Diocesano de Guacupé, Minas Gerais. Terminou o ensino básico no Ginásio Champagnat em Franca, São Paulo.

No final dos anos 20 concluiu o Curso Técnico da Escola Superior de Agricultura de Viçosa. Nesta instituição recebeu influência de três grandes pesquisadores: Rui Gomes de Moraes em Parasitologia, João Moojen de Oliveira em Zoologia e João Geraldo Kuhlman em Botânica.

João Cândido concluiu o Mestrado na Universidade de Nebraska em 1940, e o Doutorado na Universidade de Iowa, ambas instituições norte-americanas. Especializou-se nos estudos de *Hemiptera*, mais precisamente a família *Miridae*.

Passou a residir no Rio de Janeiro em setembro de 1945, e no ano seguinte ingressou no Museu Nacional como zoólogo especializado contratado, iniciando um trabalho de campo no Xingu em companhia dos antropólogos Eduardo Galvão e Pedro Estevão de Lima. A partir daí, seguiram-se várias excursões de pesquisa que consagraram o professor, ecólogo e zoólogo como um dos principais naturalistas do país. Foram 26 expedições realizadas nas quais percorreu 18.000 km em canoa, jipe, lombo de burro e a pé.

Na área de Entomologia, publicou o *Catálogo de Mirídeos do Mundo*, obra de

1.110 páginas dividida em cinco volumes. Registrou cerca de 10% de todas as espécies de mirídeos do mundo e 90% das espécies americanas de tal grupo. Descreveu 267 gêneros e 1.319 espécies.

José Cândido foi o pioneiro na área de Conservação e Proteção, e em 1958 criou a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN). Foi presidente desta instituição por dois mandatos. Participou de todas as fases da legislação ambiental, destacando-se a Lei de Proteção à Fauna; organizou a primeira *Lista de Espécies de Animais e Vegetais Ameaçados de Extinção*.

Foi membro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Conselho Federal de Cultura e Presidente da Câmara de Ciências deste último.

Participou da elaboração do Grande Dicionário da Língua Portuguesa (conhecido como *Aurélio*).

José Cândido foi presidente permanente para os Congressos Internacionais de Entomologia, membro de uma das mais importantes sociedades científicas, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com 19 prêmios e medalhas das quais se destacam as da WWF (World Wild Foundation) e da Zoological Society of London. Foi também membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

José Cândido de Mello Carvalho faleceu em 21 de outubro de 1994 em sua residência no bairro carioca da Tijuca.

Newton Dias dos Santos

Gestão na direção do Museu: 1961-1963.



Newton Dias dos Santos nasceu em 14 de setembro de 1916 no Distrito Federal (atual Rio de Janeiro).

Licenciou-se em História Natural pela Escola de Ciências da Universidade do Distrito Federal (1938), doutorou-se nessa disciplina, em 1950, na Faculdade Nacional de Filosofia. Formou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina (1940). Foi o primeiro professor a obter grau de doutor em Ciências Naturais pela então Faculdade Nacional de Filosofia(1950).

Ingressou no Museu em 1939, nomeado para o exercício de cargo de naturalista. Realizou diversas excursões em que coletou diversas espécies de plantas e animais. Atuou como estagiário no Batalhão de Guardas da 1ª Região Militar e 1ª Divisão de Infantaria em 1943.

Tomou posse do cargo de diretor do Museu Nacional em 1961.

A gestão de Newton Dias na direção do Museu Nacional restabelece o contato com o público, aumentando significativamente o índice de visitantes na instituição.

Em seu discurso de posse, o diretor afirmou que “O Museu Nacional não é só a Casa do povo, onde se instruem leigos, estudantes e professores, é também a casa da Ciência onde se estimulam, se despertam e se aproveitam vocações científicas”.

Newton dias realizou variadas reformas nas coleções da Instituição. Acrescentou ao acervo de artefatos indígenas do Museu Nacional mais três coleções: a dos índios Asurini, Apinayí e Krahó, contabilizando 89 peças.

Foram acrescentadas as exposições do Museu a coleção de vertebrados fósseis feitos no Estado do Ceará, em 1961 e da Paraíba, em 1962, no total de, aproximadamente, 7000 espécimes, feitos pelo geólogo Carlos de Paula Couto com a colaboração do geógrafo Fausto Luiz de Souza Cunha.

Newton Dias criou o curso de Museus da Divisão da Educação. O curso foi dado a dezenove professoras do Departamento de Educação Primária na Secretaria Geral do Estado.

Destaca-se durante a sua gestão a visita do reitor ao Túnel descoberto na ala lateral esquerda do prédio do Museu acional. O prédio ligava-se, numa extensão de cerca de trinta metros a antigas instalações da cozinha (hoje inexistente) aos tempos do Palácio Imperial, aproximadamente em 1870.

Ainda em sua gestão foi localizado um abundante material de cerâmica pelo então Arino de Souza Mattos Filho nos terrenos cultivados em uma pequena propriedade agrícola em Araruama.

Publicou *Práticas de Ciências* (1955), obra especializada no campo do magistério das ciências físicas, químicas e naturais, e quase uma centena de trabalhos sobre pesquisas entomológicas sobre a família das libélulas (odonata).

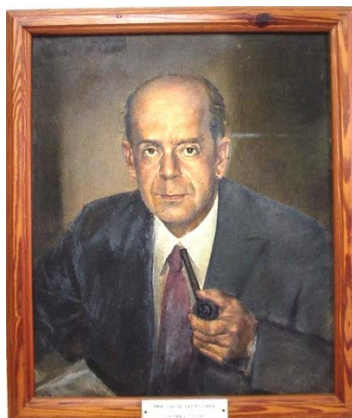
Foi professor de Zoologia e Didática da UERJ e professor Ctedrático de Ciências Naturais do Instituto de Educação (1962), professor chefe do Ensino de ciências na Escola Normal Carmela Dutra. Na década de 50 foi um dos dirigentes do Suplemento científico do Jornal *A Manhã* denominado *Ciências para todos*.

Realizou também diversas exposições. Destacam-se a Exposição Temporária sobre Frei Vellozo, suas obras e seus comentaristas realizados durante a festa do 143º aniversário do Museu em 6 de Junho de 1961, a Exposição “A cara Impressora J. F. Schreiber na História Natural em Novembro de 1961 e a Exposição Temporária do botânico brasileiro Frei Mariano da Conceição Veloso”.

Newton Dias dos Santos faleceu em 2 de março de 1989.

Luiz de Castro Faria

Gestão na direção do Museu: 1964 -1967



Luiz de Castro Faria nasceu em São João da Barra em 5 de julho de 1913.

Formou-se em Antropologia na Faculdade Fluminense de Filosofia, em 1937. De 1943 a 1953, fez cursos de pós-graduação nas áreas de Geografia Humana, Antropologia Física, Lingüística Geral e Etnologia Geral, no Brasil, França e Inglaterra.

Antropólogo, professor, bibliotecnomista e museólogo.,Castro Faria ingressou no Museu Nacional em 1936 trabalhando como pesquisador voluntário.Em 1938 foi designado como representante do Museu Nacional e do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas - CEF - grande expedição etnográfica “Expedições à Serra do Norte” que foi chefiada por Claude Levi-Strauss. No Museu Nacional ministrou seus primeiros seminários sobre Etnografia, Arqueologia e Antropologia Física.

Foi fundador dos cursos de Antropologia da Universidade Federal Fluminense – UFF e de Antropologia Social no Museu Nacional. Através da fundação do Movimento Social Brasileiro deu seus primeiros cursos sobre literatura brasileira.

Muito dos escritos de Castro Faria foram publicadas na obra “Escritos Exumados” obra constituído por dois volumes.

Em meados dos anos 50 fundou a Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Foi o presidente e sócio honorário desta instituição até falecer em 2004.

Durante sua vida profissional foi membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência SBPC, da Sociedade Brasileira de Genética, da Sociedade Brasileira de Anatomia e da Sociedade de Geografia. No exterior pertenceu à American Anthropological Association, ao Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, às Societé d'Anthropologie de Paris e Societé d'Ehtnographie Française, e à American Association of Physical Anthropology e à Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS).

As principais áreas de pesquisa do professor Castro Faria foram: Teoria e Método em Antropologia, Sistemas Econômicos Indígenas, História do Pensamento Social Brasileiro, Etnologia Regional e Arqueologia.

Entre seus títulos destacam-se o de professor universitário de Antropologia da Faculdade Fluminense de Filosofia, Professor Titular do Museu Nacional /UFRJ, Professor Titular do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (ICHF/UFF), Professor de Pós-Graduação de Antropologia Social (UFRJ), Professor Emérito da UFF (1979) e Professor Emérito da UFRJ (1984).

Luiz de Castro Faria faleceu em agosto de 2004, no Rio de Janeiro, aos 91 anos.

José Lacerda de Araújo Feio

Gestão na direção do Museu: 1967-1971



José Lacerda de Araújo Feio nasceu no Rio de Janeiro em 21 de abril de 1912. Filho de Francisco A. C. de Araújo Feio e Maria José Lacerda de Araújo Feio.

Formou-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina em 1936 e tornou-se bacharel e licenciado em História Natural pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 1941. Ingressou no mesmo ano no Museu Nacional, sendo designado naturalista interino do quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde, substituindo eventualmente o chefe da Divisão de Zoologia da instituição. Assumiu em definitivo a chefia da referida Divisão em 1946. Representou o Museu Nacional na Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros por duas, em 1947 e 1950.

Em 1953, foi nomeado responsável pela Divisão de Botânica. Cinco anos depois, foi designado para a chefia da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional.

Exerceu o cargo de diretor do Museu Nacional de 1967 a 1971. Destacou-se por pesquisar nas décadas de 1960 e 1970 a história do Paço de São Cristóvão e da Quinta da Boa Vista, sede do Museu.

Participou de diversas exposições da instituição, entre elas: a *II Exposição Temporária do Museu Nacional – Ilha da Trindade* (1950), *Exposição Temporária sobre o centenário do nascimento de Adolpho Lutz* (1956) e a *Exposição Comemorativa do centenário da obra de Darwin* (1959).

Organizou as salas de Zoologia na exposição permanente, sendo a sala 1 de tal exposição reservada à introdução à Zoologia, História do Microscópio, protozoários,

cnidários, ctenóforos e espongiários, a sala 2 aos proto-artrópodes e aracnídeos e a sala 3 aos miriápodes.

Foi membro do Conselho Nacional de Geografia em 1947, membro do *College d'Experts pour l'Écologie Animale de la Zone Aride* da UNESCO em 1951. Foi também vice-presidente da Organização Nacional do Conselho de Museus em 1953, coordenador da mesa *Arachnida e Biogeografia* no I Congresso de Zoologia em 1959 e membro do Grupo de Estudos e Normas de Combate e Profilaxia contra *Latrodectus mactans*, popularmente conhecida como aranha viúva-negra, da Secretaria Geral de Saúde do estado da Guanabara entre 1960 e 1961.

Feio faleceu em 19 de setembro de 1973 na cidade do Rio de Janeiro.

Dalcy de Oliveira Albuquerque

Gestão na direção do Museu: 1972-1976



Dalcy de Oliveira Albuquerque nasceu em 2 de agosto de 1918 em Cuiabá, no Mato Grosso. Seus pais eram o magistrado pernambucano Salvador Celso de Albuquerque e Udelina de Oliveira Albuquerque.

Formou-se como médico veterinário pela Escola Nacional de Veterinária do Ministério da Agricultura em 1944. Ingressou no mesmo ano no Museu Nacional para exercer o cargo de naturalista auxiliar. Ocupou ainda o cargo de zelador XVIII e foi nomeado, no governo de Getúlio Vargas, para o quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde em 5 de abril de 1945.

Dalcy caracterizou-se por seu caráter questionador, criticando ações da gestão interna da instituição, fato que o conduziu a receber pena de suspensão por três dias, por desrespeito, uma vez que “em artigo assinado na edição 14 do corrente de um órgão de imprensa local, censurou autoridades constituídas e criticou atos da administração deixando de fazê-lo, como lhe era plenamente facultado, pela vigente legislação, em trabalho devidamente assinado que apreciasse aqueles atos sob o ponto de vista doutrinário, com o feito de colaboração e cooperação”.

Em 21 de dezembro de 1946 afastou-se do Museu para exercer atividades de sua bolsa de estudos no Museu Nacional de História Natural, localizado em Paris, França. Permaneceu na Europa por dois anos.

Em 23 de janeiro de 1950 a portaria que determinou sua suspensão quatro anos antes foi anulada. No mesmo ano realizou uma excursão sob a orientação do naturalista

José Lacerda de Araújo Feio para realizar pesquisas auxiliares de Zoologia e coletar material para o Museu Nacional.

Em 1951 realizou nova excursão, desta vez à Bahia, a fim de coletar novos materiais zoológicos.

Na década de 1960 cumpriu planos de pesquisas, e coletou materiais para o Museu Nacional e colaborou com o Museu Paraense Emílio Goeldi, voltado para pesquisas sobre a Amazônia. Em 1962, tornou-se o diretor daquela mesma instituição ao substituir Eduardo Galvão.

Foi diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e bolsista do Museum National d' Histoire Naturelle (França) e do John Simon Guggenheim Memorial Foundation.

Tornou-se diretor do Museu Nacional em 1972, exercendo o cargo até 1976. Durante sua gestão executou e organizou a atualização e ampliação da Biblioteca do Museu Nacional.

Dalcy de Oliveira Albuquerque participou de 91 trabalhos originais sobre *muscidae* (díptera) publicados em revistas especializadas nacionais e estrangeiras.

Faleceu em 3 de outubro de 1982.

Luis Emygdio de Mello Filho

Gestão na direção do Museu: 1976-1980



Luis Emygdio de Mello Filho nasceu em 31 de outubro de 1913 no Distrito de Abrahão, Ilha Grande, município de Angra dos Reis. Era filho do policial militar Luiz Emygdio de Mello e da dona de casa Maria Antonieta de Mello, naturais do Rio Grande do Norte.

Formou-se bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II e obteve o título de médico em 1939 pela Faculdade Nacional de Medicina. No ano posterior tornou-se bacharel em História Natural pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Em 1941 é nomeado para o cargo de naturalista do Ministério da Educação e Saúde. No ano seguinte foi designado chefe da Divisão de Botânica e realizou diversas viagens entre elas a Serra dos Órgãos (RJ), Pará e São Paulo. Nesta última localidade realizou estudos de sistemática no Instituto de Botânica. Representou o Museu Nacional na III Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros e o Ministério da Educação e Saúde no II Congresso Sul Américo de Botânica, realizado em Terecamã (Argentina).

Em 1951 foi nomeado Diretor do Departamento de Parques da Secretaria Geral da Viação e Obras do Distrito Federal.

Formou-se farmacêutico químico pela Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil em 1953.

Em 1956, o Horto Botânico passou a ser estruturado com a construção dos lagos e o plantio de 182 mudas, muitas destas oriundas da excursão de Luiz Emygdio pelas regiões Leste e Sul do país. Este trabalho de restauração foi supervisionado pelo próprio pesquisador.

Freqüentou a Escola Superior de Guerra onde se diplomou no curso de Informação em 1959. cursou Livre Docência de Botânica e doutorou-se em Botânica pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Guanabara.

Representou o Museu Nacional no X Congresso Internacional de Botânica, em Edimburgo, Escócia, em agosto de 1964.

A partir de 1970 dedicou-se ao estudo das espécies de *Heliconia* (*Musacene*). Para este trabalho excursionou pelas cidades de Recife, Olinda, Jaboatão, São Lourenço da Mata, Ingarassu entre outros.

Em 1975 participou de ciclo de debates promovido pelo IBGE, visando reunir e sistematizar dados referentes aos Recursos Naturais e Meio Ambiente. Compareceu no mesmo ano ao XII Congresso Mundial de Botânica, realizado em Leningrado (na antiga URSS).

Luiz Emygdio tornou-se diretor do Museu Nacional em 1976 e realizou a reforma no prédio da instituição e renovou as condições para o desenvolvimento de pesquisas.

Desenvolveu na instituição inúmeros projetos de pesquisa, entre eles: *Heliconia Ficus*, *Germinação de semente de árvores tropicais* e *Levantamento da flora do Parque Estadual de Campos de Jordão*.

Publicou diversas obras destacando-se *O gênero Heliconia na Flora Fluminense de Frei José Mariano da Conceição Vellozo* (1975).

Integrou o grupo de trabalho criado pelo Governador Carlos Lacerda para idealizar e supervisionar as obras que originaram o Aterro do Flamengo.

Aposentou-se do Museu Nacional em 1983 retornando à UFRJ como professor visitante em 1991.

Luiz Emygdio faleceu em 16 de junho de 2002 no Rio de Janeiro.

José Henrique Millan

Gestão na direção do Museu: 1982-1985



José Henrique Millan nasceu em 22 de setembro de 1937. Formou-se em História Natural pela Universidade do Estado da Guanabara em 1961, obteve o título de doutor em Ciências (Geologia) pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo em 1972 e concluiu sua livre-docência e seu segundo doutorado em Paleontologia e Estratigrafia pelo Museu Nacional / UFRJ em 1979.

Anteriormente já ingressara no Museu Nacional como estagiário da Divisão de Geologia. Em 1960 foi designado para exercer interinamente o cargo de naturalista auxiliar e, em 1961 foi nomeado geólogo interino do quadro permanente do Ministério de Educação e Cultura.

Em 1964 realizou excursões a Santa Catarina a fim de realizar pesquisas no campo da Geologia. No ano posterior representou o Museu Nacional no XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Geologia, realizado na cidade do Rio de Janeiro.

Tornou-se diretor do Museu Nacional em 1982, função que exerceu até 1986. Sua gestão caracterizou-se por preservar a memória da instituição destacando-se a ênfase nas atividades comemorativas do museu.

Millan destacou-se no estudo de Paleobotânica com ênfase nos vegetais fósseis do Estado de São Paulo.

Entre seus numerosos trabalhos é notável a obra *O Museu Nacional e o Paço de São Cristóvão na Memória do Rio de Janeiro* (1988).

Leda Dau

Gestões na direção do Museu: 1980-1982

1986-1989 (*pró-tempore*)



Leda Dau, filha dos comerciantes libaneses Miguel José Dau e Maria Jorge Dau, nasceu em 31 de setembro de 1924 na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Formou-se pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Ingressou no Museu Nacional em 1951 como estagiária da Divisão de Botânica. Juntamente com o professor Fernando Segados Vianna e os naturalistas auxiliares Wilma Teixeira Armond e Jadiehl Loredó Júnior criou o Serviço de Ecologia, oficializado em 1953 e funcionando à margem da Divisão de Botânica, sendo finalmente subordinado a tal divisão em 1956. Os estudos realizados pela área de Ecologia Vegetal visavam o conhecimento de vegetação e das condições ambientais, o levantamento de recursos naturais renováveis, seu controle e sua utilização, bem como o treinamento de ecologistas.

A partir de 1956 foi designada para realizar diversas excursões e levantamentos ecológicos na região Leste-Meridional e Nordeste do país.

Leda tomou posse como naturalista auxiliar permanente do Museu em 1959. Foi designada em 1962 para auxiliar sob “status” de assistente na realização do Curso de Biologia, parte de Ecologia, para professores latino-americanos, promovido pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura, em São Paulo.

Em abril do mesmo ano foi designada para exercer a função gratificada de chefe da Divisão de Botânica do Museu Nacional.

Dois anos depois, realizou novas excursões, desta vez pelo estado do Rio de Janeiro, com o fim de coletar material vivo e sementes e treinar estagiários.

Ocupou o cargo de diretora do Museu Nacional por duas vezes: de 1980 a 1982 e de 1986 a 1989 em caráter *pró-tempore*. Em tal função orientou a instituição para a recuperação e ampliação do espaço físico, preservação e ampliação do acervo, intensificação da produção acadêmica e a ampliação do quadro técnico-administrativo.

Entre as exposições temporárias inauguradas durante suas gestões destacam-se: *Crânio de dinossauros, Artrópodes na natureza, Árvores notáveis, Aracnídeos peçonhentos e Parque Nacional Marinho de Abrolhos*.

Na área administrativa destacaram-se o Programa Institucional de Trabalho, que passou a integrar o *Projeto nacional: recuperação e revitalização do prédio e seu acervo* e a recuperação artística e física das salas históricas do Trono e dos Embaixadores, além da restauração e fixação da pintura artística do forro da cúpula e da reforma da capela da imperatriz.

Realizou também a inauguração da biblioteca em sua nova sede e promoveu um levantamento sobre a existência de peças de caráter histórico-artístico que hoje representam parte do acervo do Museu Nacional.

Arnaldo dos Santos Campos Coelho

Gestão na direção do Museu: 1990-1993



Arnaldo dos Santos Campos Coelho, filho do comerciante Arthur dos Santos Coelho e da dona de casa Celeste Campos dos Santos, ambos portugueses nasceu em 15 de dezembro de 1932.

Graduou-se em História Natural pela Universidade do Distrito Federal em 1956. Cursou Livre-Docência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1979. Tem experiência reconhecida na área de Zoologia, particularmente em Paleontologia e Malacologia.

Ingressou no Museu Nacional em 1956, vinculando-se ao Departamento de Invertebrados (D.I.) e concentrando sua linha de pesquisa sobre a fauna brasileira de moluscos.

Arnaldo Coelho foi contratado em julho de 1956 para exercer o cargo de naturalista do Quadro Extraordinário da Universidade do Brasil. Em setembro do mesmo ano foi designado pelo então diretor do Museu Nacional, José Cândido de Mello Carvalho, para realizar excursões no Distrito Federal a fim de adquirir material malacológico para estudos. Excursionou pelo Estado do Rio de Janeiro pelo mesmo objetivo em 1957.

O trabalho do pesquisador na organização das novas exposições de Zoologia do Museu Nacional recebeu elogios daquele mesmo diretor. Em 1959 realizou novas excursões ao Estado do Rio de Janeiro visando a elaboração de estudos sobre a fauna regional, a coleta e a preparação de material destinado às exposições e à coleção do Museu Nacional.

No ano de 1960 excursionou ao estado de São Paulo com o objetivo de realizar estudos e observações de material e bibliografia malacológica no Departamento de Zoologia da Secretária de Agricultura e em diferentes instituições daquele estado.

O zelo e a dedicação demonstrados pelo pesquisador na reorganização da coleção de Moluscos no período de 1957 a 1960 foram oficialmente elogiados pelo diretor seguinte, L dos Santos.

A partir da década de 1960 realizou excursões pelos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo com o objetivo de coletar materiais e realizar novos estudos na área malacológica. Representou também o Museu Nacional no IIº Congresso Latino-Americano de Zoologia, em 1962.

Relacionou-se com a Universidade Federal do Rio de Janeiro através de diversas formas: foi naturalista, pesquisador, zoólogo, professor e presidente da Comissão de Publicações do Museu Nacional (1982-1990).

Tornou-se diretor do Museu Nacional em 1990, tendo exercido o cargo até 1993.

Recebeu diversos títulos entre os quais: a Medalha Comemorativa dos 150 anos de Fundação do Museu Nacional (1968); a Medalha Dom Luiz de Vasconcellos e Souza, comemorativa dos 200 anos de criação da Casa de História Natural (1979); a Medalha Comemorativa dos 30 anos de fundação do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – em 1981); título de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999) e Medalha de Honra ao Mérito pelos inestimáveis serviços prestados à Sociedade Brasileira de Malacologia (1999).

Atuou profissionalmente no Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), desenvolvendo o projeto *Moluscos de importância econômica no Brasil*.

Atualmente desenvolve quatro grandes projetos: *Estudos de gastrópodes terrestres sul-americanos em coleções taxonômicas*, *Acervo de invertebrados: curadoria e preservação para geração de conhecimento*, *Estudos sobre a fauna brasileira de moluscos* e *Estudos dos bulimuloides do Brasil*.

Janira Martins Costa

Gestão na direção do Museu: 1994-1998



Janira Martins Costa, filha do militar Francisco de Souza Martins e da professora Ana Rosa Pedreira Martins, nasceu em 6 de abril de 1941 em Olinda, Pernambuco.

Mudou-se para o Rio de Janeiro para se preparar para o vestibular e o curso superior. Graduou-se em Bacharelado e Licenciatura em História Natural pela Universidade Gama Filho no ano de 1967. Coursou várias especializações e diplomou-se no Mestrado e Doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela UFRJ.

Dedica-se principalmente ao estudo da ordem *Odonata*, grupo popularmente conhecido como libélulas ou lavadeiras. Para sua pesquisa realizou diversas expedições científicas, a maioria no Sudeste do país, mas também para os estados de todas as outras regiões, e também para o Paraguai, o Uruguai e a Argentina. Viajou aos Estados Unidos, Canadá, Venezuela, Suíça e Itália para expor suas pesquisas e estabelecer contato com as comunidades científicas de seus destinos.

Em 1974 foi aprovada em concurso pela UFRJ como Professora Assistente de Zoologia. Em 1994 foi eleita diretora do Museu Nacional. Neste mesmo ano houve a abertura da exposição de longa duração da sala de Arqueologia Brasileira e as exposições *As mulheres de Pedro I – cortes e recortes*, *Dinossauros* (coordenada e projetada pelo professor e atual diretor do Museu, Sérgio Alex de Azevedo) e *Mito e morte no Amazonas*. Posteriormente foram feitas as exposições *Bambus* e *Museu Nacional - Quinta da Boa Vista*, esta última no bairro da Barra da Tijuca.

O ano de 1994 também foi marcante para a comunidade do Museu, pois foi quando se comunicou a ameaça de explosão de bomba na instituição, através de telefonema anônimo. O Esquadrão Anti-Bomba foi até o prédio investigar tal situação, que não foi confirmada.

Durante sua gestão foi firmado o primeiro convênio entre o Museu, a Petrobras, o Ministério da Cultura e o Instituto Herbert Levy para início de novas obras de restauração do Museu. Também foi responsável pela implementação do Curso de Doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) do Museu Nacional.

Entre os destaques do período de sua administração está a aquisição da coleção científica do ex-diretor José Cândido de Mello Carvalho, composta por cerca de 20.000 exemplares identificados; a reativação da publicação de arquivos do Museu; a instalação de sistema telefônico em vários departamentos do prédio e a conclusão do edifício do Departamento de Vertebrados, localizado no Horto da Quinta da Boa Vista. Também ocorreu em 1994 a criação do informativo interno da instituição, Harpia, que foi cancelada em 1998.

Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional / UFRJ.

Luiz Fernando Dias Duarte

Gestão na direção do Museu: 1998-2002



Luiz Fernando Dias Duarte nasceu em Niterói em 30 de agosto de 1949, mas cresceu em Petrópolis. Seu pai, João Baptista Duarte, carioca, era formado em Contabilidade, trabalhando como funcionário administrativo do então Distrito Federal. Sua mãe, Maria Luiza Dias Duarte, petropolitana, dedicava-se ao piano.

Veio para o Rio de Janeiro em 1968 para cursar a Faculdade de Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, formando-se em 1972. Logo passou a seguir também o curso de Jornalismo da UFF, onde descobriu sua vocação para a Antropologia. Assim, ingressou no Curso de Mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ) em 1973, concluindo-o com a dissertação *As redes do suor. a reprodução social dos trabalhadores de pescada de Jurujuba em 1978*. Obteve grau de Doutor também pela UFRJ defendendo a tese intitulada *Da vida nervosa – pessoa e modernidade entre as classes trabalhadoras urbanas* (1985), tendo como orientador o célebre antropólogo Gilberto Velho. Concluiu o Pós-Doutorado na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), na França, em 1992.

Ingressou no Museu Nacional do Rio de Janeiro em 31 de dezembro de 1968. Realizou inúmeros projetos de pesquisa, muitos destes relacionados com a área da Antropologia Social. Exerceu diversos cargos na instituição, tais como o de diretor do Departamento de Antropologia e o de diretor do próprio Museu Nacional.

Participou também de diversas outras unidades da UFRJ, sendo membro da Comissão de Legislação e Normas do Conselho Universitário (1992-1994) e representante do Fórum de Ciência e Cultura (1998-2002).

Interessou-se muito no desenvolvimento do Museu Nacional tornando-se Presidente da Comissão de Exposições (2002-2003) e realizando pesquisas históricas sobre a instituição: *Memória do Paço de São Cristóvão e do Museu Nacional* (1997).

Atua como colaborador ou membro a diversas organizações internas e externas ao Museu, tais como a Associação de Amigos do Museu Nacional (SAMN), ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Sociedade Brasileira de Progresso e Ciência – SP (SBPC-SP) e a Associação Brasileiro de Antropologia (ABA). Desenvolve pesquisas em diversas áreas, tais como Antropologia Social, Antropologia da Saúde e Antropologia da Natureza. Destaca-se seu interesse por Psicologia e temáticas que abrangem família, religião, gênero e identidades.

Entre seus títulos e prêmios destacam-se a Placa de Homenagem como Professor do Ano, Museu Nacional (2003), a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico (2002) e a Medalha Luiz de Vasconcelos e Souza, Comemorativa do 200º aniversário da Casa da História Natural, embrião do Museu Nacional (1979).

Publicou e organizou diversos livros além de ter publicações em jornais, revistas e anais de congressos.

Dentre suas realizações no Museu Nacional destacam-se as seguintes Exposições Temporárias: *Dr. Lund, o Homem de Lagoa Santa* (1999), *Retrato Brasileiro dos tristes trópicos* (1999), *No Tempo dos Dinossauros* (1999), *As gravuras egípcias nos livros raros da Biblioteca do Museu Nacional* (1999), *Pergaminhos IVRIIM: Torah de D. Pedro* (2000), *Paleopatologia: o estudo da doença no passado* (2000).

Realizou diversas mudanças na Exposição Permanente, como o planejamento, a elaboração e realização de diversos projetos entre os quais: *Egito Antigo* e inauguração da nova galeria de Egito Antigo. Projetos *Culturas Mediterrâneas e Arqueologia Brasileira*. Promoveu a reabertura oficial da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional (SAMN) e a reinauguração do Auditório Roquette Pinto do Palácio da instituição.

Luiz Fernando Dias Duarte foi professor visitante nas Universidades de Brasília, Paris, Buenos Aires, Liège e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientou cerca de quarenta teses e dissertações.

Atualmente é Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGHAS/MN/UFRJ).

Sérgio Alex Kugland de Azevedo

Gestão na direção do Museu: 2003 – período atual



Sérgio Alex Kugland de Azevedo nasceu em 27 de janeiro de 1956 na cidade de Porto Alegre. É filho do desenhista industrial Sérgio Francisco Busquetes de Azevedo e da dona-de-casa Odete Kugland de Azevedo, ambos gaúchos.

Graduou-se em Geologia em 1979 e em Ciências Biológicas em 1985 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

Desenvolveu como dissertação de Mestrado em Geociências o trabalho intitulado *Scaphonyx sulcognathius (sp. nov.): um novo rincossaurídeo do Neotriássico do Rio Grande do Sul*, finalizado em 1982. Obteve o título de Doutor em Geociências ao defender a tese *Prestosuchuschiniquensis huene, 1942 (Reptilla, Archosauria, Thecodontia, Rauisuchidae) da Formação Santa Maria, Triássico do Estado do Rio Grande do Sul*.

Suas principais linhas de pesquisa pertencem aos ramos de Bioestratigrafia, Mapeamento Geológico e Paleozoologia de Vertebrados.

Ingressou no Museu Nacional em 20 de abril de 1989, e participou de inúmeros projetos de pesquisa e desenvolvimento da instituição, fundamentalmente no Departamento de geologia e paleontologia (DGP). Entre os projetos coordenados pelo pesquisador figuram: *Organização da coleção de vertebrados fósseis do DGP / MN*, *Evolução paleoambiental do Triássico da Bacia do Paraná com base na páleo-herpetofauna correspondente* e *Dinossauros do Brasil*. Colaborou ainda no projeto *Estudo páleo-patológico da mamolofauna depositada na coleção de paleovertebrados do Museu Nacional*.

As atividades do atual diretor são caracterizadas pela versatilidade e pluralidade. Além de coordenar diversos projetos, foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), envolveu-se em

inúmeras atividades de extensão, tais como as exposições *Ovos fósseis* (1998), *Dinossauros* (1992; 1994), *Dinossauros – senhores da Terra por 150 milhões de anos* (SC, 1994), *Dinossauros do Brasil* (MG, 1992), *Maranhão – restos de um mundo perdido* (MA, 1992) e *Dinossauros na cartofilia* (ES, 1991).

Também prestou consultorias para diversas instituições, entre elas: FAPERJ, FAPESP, Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), SECRIM/RJ, CNPq, Rede Globo de Televisão, John Simon Guggenheim Memorial Foundation, Ministério do Meio Ambiente e IPHAN.

Assumiu a direção do Museu Nacional em 2003. Sua gestão caracteriza-se pelo empreendedorismo e pelo empenho no desenvolvimento e na preservação do papel histórico, cultural e científico da instituição. Realizou importantes reformas no seu âmbito espacial, como aquelas das salas dos Departamentos de Entomologia, Geologia e Paleontologia, Invertebrados e Antropologia e da Administração. Promoveu a ampliação dos prédios do Horto, além de outras reformas na Biblioteca do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, no prédio anexo, nos vestiários e na sala onde se encontra o microscópio e varredura (MEV) da Pós-Graduação em Zoologia.

Na exposição permanente do Museu destacam-se as restaurações nas salas da Imperatriz, do Oratório, de Arqueologia Pré-Colombiana, de Culturas Mediterrâneas, de Evolução Humana e de Paleontologia, no Hall de Entrada e no auditório Roquette Pinto.

Entre as exposições temporárias, destacam-se: *Memórias de visitantes*, *Tesouros do Museu Nacional* (também de caráter itinerante), *Mastodontes*, *Maxakalisaurus topai*, *Luiz de Castro Faria* e *Bertha Lutz: ciência, feminismo e museu (1894-1976)*. Ressaltam-se em sua gestão também as visitas dos ministros da Cultura e da Educação à instituição. Dentre as publicações, são notáveis as dos livros do Museu Nacional (2007), financiado pelo Banco Safra, e da Quinta da Boa Vista (2007).

Atualmente a instituição finaliza a reabertura das salas de Invertebrados e de Etnologia e a exposição temporária *Uma janela para o passado*.

Bibliografia

Biografias

Biografias dos brasileiros ilustres por letras, armas, virtudes, etc. Frei José da Costa Azevedo 34 (42): 293 – 298; 1871; 34 (43): 123 – 128; 1871.

Biografia e apreciação dos trabalhos do botânico brasileiro Francisco Freire Alemão, 38 (51): 51 – 126 1875.

Monografias, dissertações ,teses e artigos

DOMINGUES, Heloísa M. B. *Museu Nacional: uma instituição científica centenária na FNF.* Rio de Janeiro.

FARIA, L. de Castro. *Antropologia – escritos exumados: espaços circunscritos, Tempos soltos.* Niterói: EDUFF, 1998.

LACLETTE, Paula P. Horta. *Do ontem ao hoje: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional.* Dissertação de Mestrado / UNIRIO. Rio de Janeiro, 1995.

NIELING, Marcos A. dos Santos; SOUSA, Marcele Monteiro; FELISBERTO, Rafael de Moraes. *Uma análise de frequência de visitas ao Museu Nacional e suas influências espaciais sob um olhar geográfico.* Trabalho referente à disciplina Estágio de Campo / UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.

OLIVEIRA, Márcia P.. *A Gestão de Heloísa Alberto Torres: as alterações no espaço da exposição permanente do Museu Nacional.* Monografia / UNIRIO. Rio de Janeiro, 2002.

DIAS, Carla da Costa. *De sertaneja a folclórica: as trajetórias das coleções regionais do Museu Nacional (1920 – 1950).* Tese de doutorado em História da Arte. / PPGAV / EBA / UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

LACERDA, J. B. de. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1905.

NETTO, Ladislau de Souza Mello e. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional.* Sociedade Philomática: Rio de Janeiro, 1870.

Relatórios Anuais

MUSEU NACIONAL. Relatórios anuais de 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1986, 1987, 1988, 1989, 1994, 1995, 1999, 2000, 2001. Rio de Janeiro.

Fontes da Internet

<http://lattes.cnpq.br> (Plataforma Lattes)

www.fiocruz.br (site oficial da Fiocruz)

www.museunacional.ufrj.br (site oficial do Museu Nacional)

www.wikipedia.org (Wikipedia)

Documentos do Arquivo Histórico do Museu Nacional - Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR/MN/UFRJ)

Livros:

ANDRADE, Amaro Garcia. *O Museu Nacional e suas coleções mineralógicas*.

MUSEU NACIONAL / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.

Memorial de um naturalista – José Cândido de Melo Carvalho. Divisão Gráfica / UFRJ.

VELLOZO, Frei José Mariano da Conceição. *Flora Fluminense*. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Arquivo Nacional: Rio de Janeiro, 1961.

Histórico da D.G.M. (autor desconhecido, U. B., 8 pp).

Livros de assentamento: N° 2, 3, 5, 6, 7, 12, 16, 18.

Caixas (documentos, telegramas e ofícios):

Leda Dau cx 20.

Luís Emygdio cx. 26, 32.

Sólon Leontsinis cx.14

Documentos administrativos do Arquivinho da Seção de Memória e Arquivo

Documentos fornecidos pelo Departamento de Entomologia

ALBUQUERQUE, Dalcy de Oliveira. *Curriculum Vitae*. 1982.

JURBERG, Claudia; LOPES, Sonia Maria. *Dalcy de Oliveira Albuquerque (1918-1982)*. In: *Entomología y Vectores* 8 (4). pp: 403 – 415. Editora Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, 2001.

LOPES, Sonia Maria Rodrigues; CARVALHO, Denise Pamplona; COURI, Márcia Souto; CARVALHO, Claudio Jose Barros de. *Necrológio – Dalcy de Oliveira Albuquerque – 1918-1982*.